

# RELATÓRIO DE VISITA

## MUNICÍPIO DE SÍTIO DO MATO - BAHIA

### Contatos Preliminares

Por intermédio de contatos por correio eletrônico e telefônicos estabelecidos há alguns meses, o senhor Sinvaldo Castro (conhecido localmente como Maciel) informou ao professor Dr. Carlos Etchevarne (Universidade Federal da Bahia) sobre a existência de possíveis pinturas e fragmentos cerâmicos em uma localidade do município de Sítio do Mato.

A partir de tais contatos foram estabelecidas as condições para que uma equipe fosse enviada para reconhecer e avaliar tais vestígios. Compreendendo a realidade do município, a equipe científica não cobrou absolutamente nada pelos serviços de averiguação dos presumidos sítios arqueológicos. Deste modo, como contrapartida, acordou-se que a hospedagem, a alimentação e parte do combustível seriam providenciados pelo município de Sítio do Mato.

Assim sendo, o professor Luydy Abraham Fernandes, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e o motorista/auxiliar de campo Ivo Bezerra deslocaram-se de Salvador para Sítio do Mato entre 30 de junho e 03 de julho de 2011.

### O Município

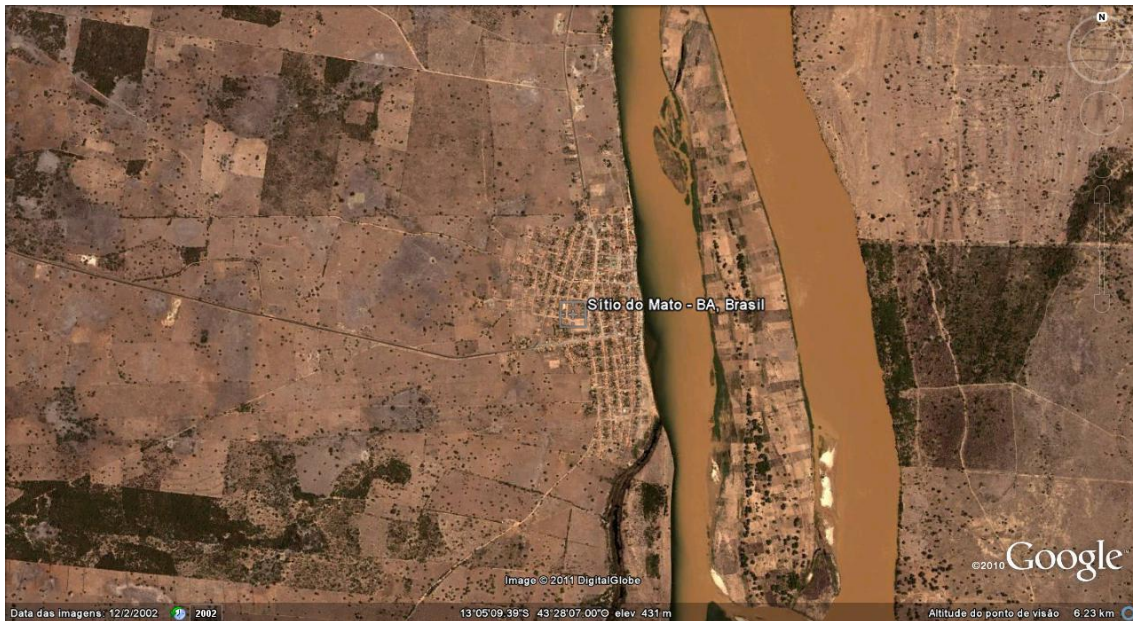


Fig 1: Imagem da cidade de Sítio do Mato, à margem esquerda do rio Corrente/São Francisco (Fonte: Google Earth, acessado em 05 de julho de 2011).

Sítio do Mato situa-se diretamente ao lado do rio Corrente, margem esquerda, no seu trecho final em sentido sul-norte, quando corre em paralelo ao rio São Francisco até nele confluir. Integra a

região Oeste da Bahia, distando cerca de 850 quilômetros de Salvador, que percorremos em 14 horas de viagem. As características do seu relevo plano derivam da sua implantação na depressão sanfranciscana, quanto à vegetação, trata-se de uma zona de transição entre a caatinga e o cerrado, segundo o que vimos.

## Reconhecimento dos Vestígios

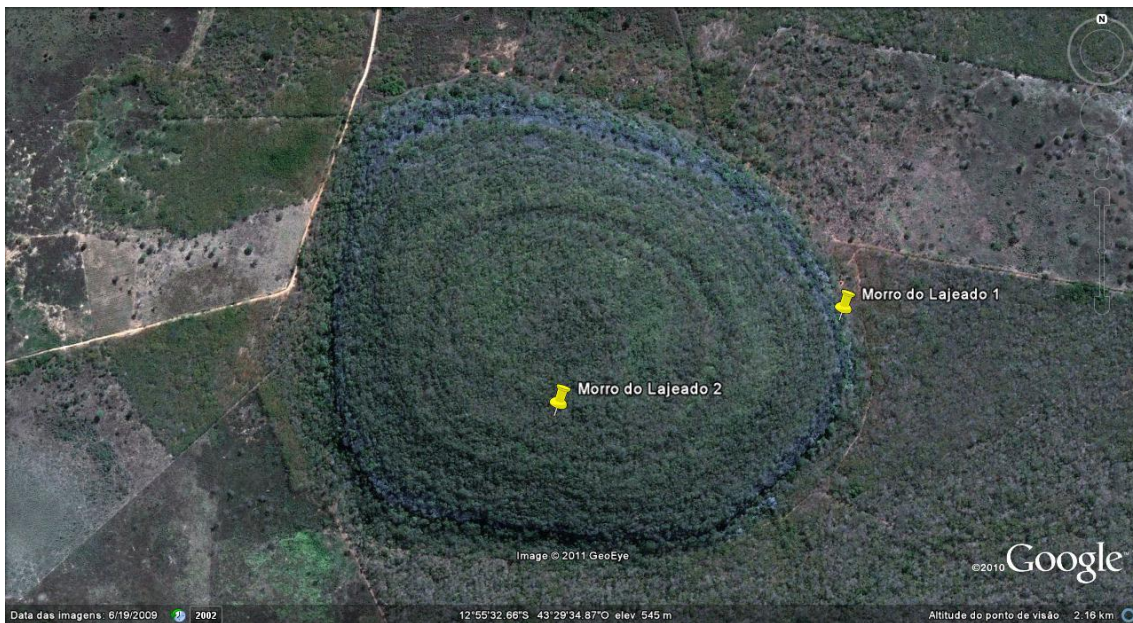


Fig 2: Morro do Lajeado com os dois sítios arqueológicos indicados. Notar a forma regular que o destaca na paisagem (Fonte: Google Earth, acessado em 05 de julho de 2011).



Fig 3: Morro do Lajeado visto da estrada ao sul. Notar a forma regular que o destaca na paisagem (Foto: Luydy Fernandes).

Visitamos dois pontos levados pelos guias indicados pelo senhor Sinvaldo Castro: o senhor José Vieira Santos, morador do Assentamento São Caetano e o senhor João Gustavo de Oliveira, morador do Povoado da Quixaba. Ambos os pontos vistos situam-se num grande afloramento de calcário muito regular, de contorno oval quando visto do ar, denominado de Morro do Lajeado. Tal morro tem o formato de um outeiro isolado no terreno plano e por isso bastante destacado no ambiente, podendo facilmente ser considerado um notável marco paisagístico. No sentido N-S tem 760 metros e no sentido L-O mede 890 metros, mostrando-se muito íngreme na parte inferior da sua

encosta, conformando um paredão que contorna toda a elevação. Contudo, não se trata do único morro calcário, sendo a presença dessas formações colinares uma característica da topografia regional em escala mais ampla. O mais conhecido desses morros é aquele onde se instalou o santuário de Bom Jesus da Lapa, na cidade vizinha, aproveitando os salões e as galerias da caverna existente.



Fig 4: Aspecto do paredão íngreme que circunda todo o Morro do Lajeado, visto da estrada ao sul (Foto: Luydy Fernandes).

**Sítio Morro do Lajeado 1** (23L 663982 – 8570628) – vistoriamos em primeiro lugar as pinturas rupestres. De fato, trata-se de um conjunto de sinais executados por grupos indígenas no passado. Assim sendo, confirmamos que o local é um sítio arqueológico. Esse sítio está implantado no início da encosta do morro, em um pequeno nicho irregular com cerca de 1,5m de largura por 3,5m de altura máxima. Na sua porção mais alta e abrigada está a maior concentração das figuras, havendo algumas poucas (2 motivos) ligeiramente afastadas, cerca de 3m para a esquerda.

São figuras geométricas, predominantemente pentiformes, aos que se seguem, em ordem decrescente de frequência, grades, tridáctilos, bastonetes, pontos e círculos. Foram executadas em branco, a maioria, seguido pelo vermelho e, raramente o preto. Alguns poucos motivos dão a impressão de ser amarelos, todavia, tal tonalidade pode decorrer de uma degradação do vermelho ou uma transformação do branco. Ainda existe a chance do amarelo resultar da interação entre os pigmentos brancos e vermelhos de um motivo repintado. O pigmento branco e o vermelho formam traços grossos, possivelmente aplicados com o dedo, ao passo que o pigmento preto teria sido aplicado em crayon, talvez com carvão.



Fig 5: Sítio Morro do Lajeado 1, nicho com concentração das pinturas. O sr. José Vieira dos Santos, guia que nos levou ao sítio, dá a noção das dimensões do painel (Foto: Luydy Fernandes).

Aparentemente, as figuras brancas foram realizadas em primeiro lugar, ao que se seguiram as figuras em vermelho, algumas vezes numa tentativa de repintar o motivo branco preexistente ou então apenas manchas/borrões aplicadas sem cuidado sobre motivos brancos. No geral, há menos domínio técnico na execução e controle dos traços vermelhos, em comparação aos traços em branco. Pelo que conseguimos notar preliminarmente, o preto surge depois de feitas as demais pinturas, situando-se complementarmente a elas. Tal é o caso do círculo em branco que tem contorno de pelo menos dois outros círculos pretos de traço mais fino. Esse motivo situa-se mais à esquerda do nicho onde se concentram as demais pinturas.

Quanto à conservação, há vários escorrimentos em diversas nuances de brancos naturais sobre os grafismos, que se confundem parcialmente com a tonalidade clara das figuras. Ninhos de insetos, construídos com argila também formam pequenos círculos vermelhos que podem atrapalhar a visualização do painel. O topo do nicho recurva-se ligeiramente, oferecendo alguma proteção contra os raios solares e a chuva direta, mesmo assim, tais intempéries atingem grande parte das pinturas. A vegetação ainda resiste e representa um bom elemento mantenedor do microclima. Os blocos de calcário mostram quebras naturais, de acordo com a sua sedimentação e clivagem. Nas proximidades do sítio nos deparamos com dois fornos cônicos de tijolos para produção de cal, visivelmente abandonados há tempos. Apesar disso, não encontramos sinais de vandalismo ou de destruição propositada das pinturas.



Fig 6: Maior concentração dos motivos do painel (Foto: Luydy Fernandes)



Fig 7 e 8: Detalhes de tipos de motivos, sobreposições, escorrimentos, interação entre pigmentos e linhas em preto ao redor do círculo (Fotos: Luydy Fernandes)

Poucos sítios rupestres são conhecidos nessa região. Os mais próximos estão em Santa Maria da Vitória, onde foram registrados a Gruta do Cristal e a Gruta do Tapuia; há ainda a Gruta do Tamarindo, na Serra do Ramalho, onde existem gravuras (ETCHEVARNE, 2007). Pelo que notamos em campo, somado à forma do relevo, é considerável o potencial arqueológico e a busca por novos lugares com pinturas poderá revelar mais sítios nos morros, grutas e paredões do município de Sítio do Mato.

**Sítio Morro do Lajeado 2** (23L 663492 – 8570476) – o segundo ponto a ser vistoriado apresentava fragmentos de cerâmica em superfície. Novamente constatamos que se trata de mais um

sítio arqueológico de um grupo indígena do passado, formado pelos restos de recipientes cerâmicos quebrados. Esse sítio está implantado no topo do Morro do Lajeado, a 513m para sudoeste do sítio anterior, em um solo com pouca inclinação e presença de sedimento argiloarenoso, talvez latossolo vermelho. Em vários pontos emergem blocos de calcário de diversas dimensões, desde os menores, com poucos centímetros, até os maiores, com quase um metro ou pouco mais.



Fig 9: Sítio Morro do Lajeado 2, fragmentos de cerâmica encontrados na superfície.



Fig 10 e 11: Tratamento de superfície da face interna e externa de um fragmento cerâmico (Foto: Luydy Fernandes).

Os fragmentos mostram que a cerâmica foi fabricada pela técnica dos roletes, a queima é uniforme em baixa temperatura, possivelmente em fogueira a céu aberto. O tratamento da superfície consiste de um alisamento regular, melhor aplicado externamente, contudo ainda muito bem

executado nas faces internas, que são mais porosas, talvez devido ao uso. Não conseguimos verificar com precisão o tipo de antiplástico presente na pasta, notamos apenas a presença de areia num exame preliminar. Os maiores fragmentos vistos têm por volta de 15cm e a espessura varia ao redor de 1cm. Não notamos fatores destrutivos, a não ser por queimadas. O gado parece não ter acesso ao local, tendo em vista que a escalada da encosta relativamente abrupta que circunda o morro não lhe ser propícia. Além do mais, ao final da encosta e antes de se adentrar a mata que cobre o topo, o calcário apresenta um trecho em lapiás, no qual as bordas rochosas são agudas e muito cortantes, que deve ser transposto com cuidado. Nesse aspecto e em face ao acesso a implantação do grupo no topo do morro seria um fator defensivo. Não vimos nenhuma fonte de água no local, todavia, não o percorremos no todo. Segundo os guias, há uma nascente a cerca de 1,5km do morro.

Os dois guias, o senhor José Vieira Santos e o senhor João Gustavo de Oliveira, nos relataram ter encontrado 4 recipientes cerâmicos enterrados nesse sítio. Escavaram dois deles e interromperam a escavação ao encontrar ossos que presumiram humanos. Buscamos o local da presença dessas possíveis urnas funerárias, contudo, como o solo estava totalmente encoberto por uma camada de folhas secas caídas das árvores, não as conseguimos encontrar. Pelo mesmo motivo, não localizamos a maior concentração dos fragmentos cerâmicos em superfície, onde, ainda segundo nossos guias, havia tantos cacos que se caminhava pisando sobre eles. Em face a tais dificuldades, eles se prontificaram a retornar ao topo do Morro do Lajeado para procurar novamente as ditas urnas funerárias e a zona de maior concentração cerâmica, marcando o local para que nos possam guiar até ele na próxima visita de campo.



Fig 12 e 13: Urna da Tradição arqueológica Aratu escavada em São Félix do Coribe com esqueleto íntegro em seu interior e desenho mostrando a posição do corpo dentro da urna (Foto e desenho: Luydy Fernandes).

Apesar de não termos constatado em campo elementos suficientes para afirmar, acreditamos, amparados nas informações, que esse segundo sítio arqueológico pode ser o que restou de uma antiga aldeia dos grupos da Tradição arqueológica Aratu. Sítios de antigas aldeias Aratu são muito comuns no Oeste da Bahia. Até a presente data foram localizados setenta e nove (79) desses sítios no estado e o Oeste da Bahia tem, pelo menos, doze (12) deles. Nas proximidades de Sítio do Mato podemos citar os sítios Aratu da Praça de Piragiba, no município de Muquém do São Francisco, a cerca de 88km; o sítio Pio Moura, em São Félix do Coribe, a cerca de 86km e o sítio do Vau, no

município de Correntina, a cerca de 130km, com todas as distâncias tomadas em linha reta (FERNANDES, 2003).

A característica marcante desses grupos Aratu é o tratamento dado aos mortos. A forma mais comum de os enterrarem era usando grandes vasos cerâmicos nos quais os corpos eram introduzidos e acomodados numa posição acocorada. A urna cerâmica era fechada por um outro vaso ou então com pequenas lajes de pedra e enterrada. Além das urnas outros artefatos podem ser recuperados nas escavações dos sítios, tais como instrumentos de pedra e objetos de ossos de animais. Das pesquisas já realizadas, sabemos que esses grupos surgiram há cerca de 1000 anos e desapareceram por volta de 600 anos atrás (FERNANDES, 2003).



Fig 14: Urnas funerárias da Tradição Arqueológica Aratu em escavação (Foto: Luydy Fernandes)

### **Proposta de Mapeamento do Patrimônio Arqueológico**

Como afirmamos, ambos os locais visitados são sítios arqueológicos e por isso devem ser protegidos, pois a legislação federal vigente determina essa proteção (ver legislação em anexo: 1. Trecho da Constituição da República Federativa do Brasil; 2. Lei 3924 de 1961; 3. Portaria 07 de 1988; 4. Portaria 230 de 2002; 5. Portaria 28 de 2003.). Quanto a propriedade das terras onde se encontram os sítios, ela é assegurada ao seu proprietário, não havendo riscos de desapropriação em face a identificação dos sítios. Contudo, qualquer ameaça de destruição deve ser evitada e, se alguma obra de impacto estiver prevista, deve ser precedida e acompanhada de estudos e pesquisas que assegurem o registro e documentação desses sítios. O responsável pela ameaça deve cobrir as despesas com os estudos e as pesquisas.



O atual conhecimento da arqueologia da região do Oeste da Bahia, onde se insere o município de Sítio do Mato, nos permite afirmar que existem mais sítios arqueológicos ainda não descobertos no seu território. Assim sendo, nós propomos um programa de identificação e mapeamento que visa localizar o maior número possível de vestígios, cujos agentes serão os próprios moradores da região. Já executamos um programa com essa metodologia nos municípios de Cachoeira e São Félix, no Recôncavo da Bahia, resultando em 53 sítios arqueológicos encontrados pela população (FERNANDES, 2010).

As etapas desse programa são as seguintes:

1. Doação para o município da Cartilha Didática. Essa cartilha servirá de base para o mapeamento arqueológico, pois contém explicações simples e diretas sobre como reconhecer os vestígios arqueológicos e várias ilustrações e fotografias que facilitam o reconhecimento dos artefatos. Essa cartilha foi pensada para os municípios do Recôncavo, mas se adéqua a Sítio do Mato.

Realização: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica – Coordenador: Prof Carlos Etchevarne.

2. Divulgação do conteúdo dessa Cartilha Didática nas comunidades e nas escolas municipais, de modo que as pessoas que lidam diretamente com a terra e os alunos de todas as zonas rurais possam ser instruídos e treinados para a identificação dos sítios.

Realização: Município de Sítio do Mato.

3. Palestras explicativas sobre o conteúdo da cartilha e sobre outras dúvidas que possam surgir. Durante as palestras serão projetadas imagens de sítios e dos artefatos que podem ser encontrados neles.

Realização: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica.

4. Registro dos vestígios descobertos pelos alunos e pela população, especialmente a rural. Deve ser anotado o tipo do vestígio, o nome do informante, o endereço, o contato por celular e quem pode guiar o arqueólogo até o local onde foi visto o vestígio. O ideal é que esses objetos sejam fotografados e essas fotos remetidas pelo correio eletrônico (email) ao arqueólogo.

Realização: Município de Sítio do Mato.

5. Visita de campo, quando o arqueólogo será levado pelos guias até os vestígios antes encontrados. Nessa visita será realizada a verificação do que foi encontrado, confirmando o caráter de sítio arqueológico.

Realização: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica.

6. Elaboração do mapa com todos os sítios arqueológicos do município de Sítio do Mato.

Realização: Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica e Município de Sítio do Mato.

Para a realização desse programa os pesquisadores não cobrarão pagamento. Como contrapartida para viabilizar as ações, solicitamos o apoio nas formas de hospedagem, alimentação e transporte para as palestras (etapa 3) e visita de campo (etapa 5). Também é possível que

escavações de sítios sejam realizadas com a participação da população, de alunos das escolas e pessoas interessadas. Para isso, precisaremos avaliar qual sítio dentre os encontrados será interessante escavar, elaborar um projeto específico para a escavação desse sítio, encaminhá-lo ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e aguardar a publicação da autorização no Diário Oficial da União (DOU). Ainda é preciso ter um local apropriado para guardar os artefatos escavados e um ambiente adequado e seguro para a exposição de parte dos vestígios escavados. O ideal é que seja um prédio público e com acesso livre à população.

### **Bibliografia citada**

ETCHEVARNE, Carlos. Escrito na Pedra. Salvador: Odebrecht, 2007.

FERNANDES, Luydy Abraham. Os Sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba – Bahia. Salvador: Dissertação de mestrado pela UFBA, 2003.

FERNANDES, Luydy Abraham. Mapeamento Arqueológico: Recôncavo Baiano. Salvador: FAPESB/ UFRB/Bahia Arqueológica, 2010.

a. Prof. Luydy Abraham Fernandes  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
05 de julho de 2011